

CAPÍTULO UM

ELA

Estamos no princípio de setembro. Jodi Brett está na cozinha a fazer o jantar. A estrutura aberta do prédio permite-lhe ter uma visão clara, através da sala e das suas janelas voltadas a leste, do lago e do céu, tingido de um azul uniforme pela luz do entardecer. Uma linha muito fina de uma tonalidade mais escura, o horizonte, parece estar ali à mão, quase palpável. Gosta daquele arco delimitador, da sensação que lhe dá de estar dentro de um círculo. Essa sensação de finitude é aquilo que mais lhe agrada naquele vigésimo sétimo andar onde mora.

Aos quarenta e cinco anos, Jodi ainda se considera nova. Não está sempre a pensar no futuro, antes vivendo o momento presente, um dia de cada vez. Parte do princípio, sem que tenha pensado sobre isso, de que as coisas vão continuar a ser para sempre imperfeitas mas aceitáveis. Por outras palavras, desconhece completamente que a sua vida está agora no auge, que a sua vigorosa resiliência — que o seu casamento de vinte e dois anos com Todd Gilbert tem estado a consumir-se lentamente — está a chegar a uma fase final de desintegração, que as suas convicções sobre a pessoa que é e como deve agir são muito menos estáveis do que imagina, uma vez que bastarão alguns meses, poucos, para a transformar numa assassina.

Se alguém lhe dissesse isto, ela não acreditaria. “Assassínio” é uma palavra que praticamente não faz parte do seu vocabulário, é um conceito sem significado, o tema de notícias que envolvem

peessoas que ela não conhece nem nunca conhecerá. Acha particularmente implausível a violência doméstica, que a fricção diária num contexto familiar possa atingir tal proporção. Há outras razões para esta incompreensão para além do seu hábito de autocontrolo: não é nenhuma idealista, acredita na possibilidade de vencer o mal com o bem, não arranja discussões e não se irrita facilmente.

O cão, um *golden retriever* com um pelo loiro sedoso, está sentado aos seus pés enquanto ela vai cortando legumes na tábua da cozinha. De vez em quando, atira-lhe um pedaço de cenoura crua, que ele apanha com a boca e esmaga alegremente com os molares. Aquela brincadeira com as cenouras é um ritual antigo de antes do jantar, um ritual que os diverte a ambos desde o tempo em que ela o trouxe para casa, uma bolinha de pelo, para tirar da cabeça de Todd aquela ânsia de ser pai que surgiu, aparentemente de um dia para o outro, na altura em que ele fez quarenta anos. Pôs o nome de *Freud* ao cão, prevendo o gozo que lhe daria pensar nele quando estivesse com o seu homónimo, o misógino que era obrigada a levar a sério na universidade. *Freud* a peidar-se, *Freud* a comer lixo, *Freud* a tentar apanhar a cauda. O cão é um santo e não se importa minimamente que gozem com ele.

Quando corta legumes e pica ervas, entrega-se inteiramente ao que está a fazer. Gosta da intensidade do ato de cozinhar — da vivacidade do lume aceso, do relógio a contar os minutos, da prontidão do resultado. Está consciente do silêncio que reina fora da cozinha e que culminará no momento em que vai ouvir a chave dele na fechadura, um instante que antecipa com prazer. Ainda consegue sentir que fazer o jantar para Todd é um acontecimento, ainda consegue maravilhar-se com o facto de o destino o ter trazido para a sua vida, um mero acaso que não parecia favorecer o desejo de aprofundar o conhecimento mútuo, quanto mais um futuro de refeições apetitosas e preparadas com todo o amor.

Aconteceu numa manhã chuvosa de primavera. Na altura, estava embrenhada na licenciatura em Psicologia, a trabalhar como empregada de mesa à noite, sem tempo e exausta. Ia mudar de casa e a guiar para norte em State Street numa carrinha alugada carregada com os seus tarecos. Quando se preparava para mudar da faixa

da direita para a da esquerda, talvez tivesse olhado por cima do ombro ou não. Não estava a dar-se bem com a carrinha e, ainda por cima, os vidros estavam embaciados, e não tinha saído onde devia, nos semáforos anteriores. Todas estas condições eram propícias a que eventualmente estivesse distraída — uma questão que, mais tarde, foi muito discutida por eles. Quando ele chocou com a porta do lado do condutor e a empurrou para o trânsito que vinha em sentido contrário, ouviram-se buzinas vindas de todos os lados e travões a chiar e, antes de ela conseguir acalmar-se — antes de perceber que a carrinha estava parada e que estava tudo bem com ela — ele desatou a gritar-lhe através da janela fechada.

— Sua grande anormal! O que é que você está a fazer? É doida ou quê? Onde é que tirou a carta? As pessoas como você deviam ser proibidas de guiar. Vai sair do carro ou vai ficar aí sentada como uma imbecil?

A diatribe dele naquele dia, à chuva, não deixou uma impressão muito favorável, mas qualquer homem que bate com o carro fica desvairado, mesmo que seja ele o culpado, o que não foi o caso. Por isso, quando ele lhe telefonou alguns dias depois a convidá-la para jantar, ela aceitou com toda a amabilidade.

Levou-a a Greektown, onde comeram borrego *souvlaki* e beberam *retsina* fresca. O restaurante estava cheio, as mesas muito juntas e as luzes intensas. Às tantas estavam a gritar e a rir-se por não conseguirem ouvir-se com todo aquele barulho. A conversa escassa que conseguiram ter resumiu-se a frases sucintas como “A comida está boa... gosto deste restaurante... tinha as janelas embaciadas... se não fosse o acidente, nunca a teria conhecido.”

Ela não costumava ter encontros daquele nível. Quando os colegas da universidade a convidavam para ir comer piza e beber umas cervejas, tinham de contar o dinheiro. Iam ter com ela ao restaurante mal-arranjados e com a barba por fazer, e com a mesma roupa com que tinham ido às aulas. Mas Todd tinha vestido uma camisa lavada, tinha ido buscá-la de carro para irem juntos para o restaurante, e estava a ser extremamente atencioso com ela, enchendo-lhe o copo e perguntando-lhe por várias vezes se estava tudo do seu agrado. Sentada à frente dele, agradava-lhe o que via — a forma

como ele ocupava naturalmente o espaço e dava a sensação de estar a comandar as operações. Gostou do hábito caseiro que ele tinha de limpar a faca com o pão e de o ver pousar o cartão de crédito sem olhar para a conta.

Quando voltaram para a carrinha, ele levou-a ao local da obra que estava a fazer em Bucktown, a reconversão de uma mansão do século XIX — de uma casa que alugava quartos numa moradia de uma só família. Ao conduzi-la pelo caminho pouco sólido, agarrou-lhe ao de leve pelo cotovelo.

— Agora é preciso ter cuidado e atenção onde se põe os pés.

Era uma visão chocante de revivalismo gótico com tijolos partidos, tinta solta e janelas estreitas com empenas pontiagudas, que lhe davam um ar ameaçador — uma aberração da maior vulgaridade numa rua orlada de casas de linhas direitas, que tinham sido completamente restauradas. No lugar onde deveria estar o alpendre da frente, estava um escadote que era preciso subir e, no átrio de entrada, estava um lustre enorme pousado de lado. A sala da frente, um espaço arredondado com um teto implausivelmente alto, estava cheia de montes de cascalho e fios pendurados.

— Dantes havia aqui uma parede — disse ele, apontando.
— Ainda se podem ver as marcas.

Ela olhou para o chão onde faltavam tábuas.

— Quando transformaram a casa em pensão, fizeram inúmeras divisórias. Agora está com o formato original. Já dá para ter uma ideia de como vai ficar.

Para ela, era difícil imaginar qualquer espécie de resultado final. O facto de não haver electricidade também não ajudava — havia apenas uma luz pálida vinda dos candeeiros da rua. Ele acendeu uma vela, deixou cair alguns pingos de cera derretida num pires, e fixou-a na vertical. Estava muito interessado em mostrar-lhe a casa e, então, percorreram à luz da vela as divisões vazias — a futura cozinha, a salinha há muito desaparecida, espaços provisórios definidos por paredes descascadas até aos tabiques. No andar de cima, os vestígios da pensão eram mais visíveis, com fechos nas portas dos quartos e as paredes pintadas de cores improváveis. Ali o cheiro a mofo era mais forte, e havia um certo ambiente espectral, com

as velhas tábuas do soalho a rangerem debaixo dos pés e a vela a criar reflexos de luz que projetavam as sombras de ambos como fantasmas nas paredes e no teto.

— Não é um restauro — disse ele. — Tudo será revisto e modernizado. Soalhos de carvalho, portas sólidas, janelas de vidro duplo... Será a casa que toda a gente querería ter, uma casa antiga com personalidade, mas com uma estrutura consistente e moderna.

Atirara-se sozinho àquela empreitada, continuou, aprendendo à medida que ia trabalhando. Preferia aquilo à universidade, tinha pedido um empréstimo e vivia de crédito e otimismo. Ela percebeu perfeitamente a situação dele, quando viu o saco-cama enrolado num dos quartos e, na casa de banho, uma gilete e uma lata de espuma de barbear.

— Então, o que é que acha? — perguntou-lhe quando voltaram para o andar de baixo.

— Gostava de a ver quando estiver acabada — respondeu ela. Ele soltou uma gargalhada.

— Acha que estou a dar um passo maior do que a perna.

— É um projeto ambicioso — admitiu ela.

— Vai ficar impressionada.

Quando o ouve entrar, tanto o lago como o céu já estão imersos num crepúsculo aveludado. Apaga a luz do teto, deixando que as luzes indiretas componham um brilho doce, tira o avental e lambe os dedos para alisar o cabelo junto à testa, um gesto de pura antecipação, uma vez que já está a ouvir todos os movimentos dele no átrio. Brinca com o cão, pendura o casaco e esvazia os bolsos para a taça de bronze fundido que está sobre a credência. Há um silêncio breve, enquanto vê o correio. Ela põe uma truta fumada numa travessa com *crackers* dispostos em leque.

Ele é um homem corpulento, com cabelo cor de areia, olhos cinzentos e uma vitalidade colossal. Quando Todd Gilbert entra numa sala, toda a gente acorda. Era isso que ela diria se lhe perguntassem o que mais admirava nele. E também que consegue fazê-la rir quando quer e que, ao contrário de muitos homens que ela conhece, consegue fazer muitas coisas ao mesmo tempo como,

por exemplo, enquanto está a falar ao telemóvel, apertar-lhe o colar ou mostrar-lhe como utilizar um saca-rolhas com espiral e alavanca.

Aflora-lhe a testa com os lábios, passa por ela e vai ao armário buscar os copos de *cocktail*.

— Está com bom aspeto — diz. — O que é? — Está a referir-se à peça de carne coberta por uma crosta dourada de massa folhada, que está fora do forno a repousar no tabuleiro.

— Bife Wellington. Já comemos, lembras-te? Gostaste.

É ele que trata dos aperitivos. Enquanto ela prepara o tempero para os legumes, ouve o tilintar dos cubos de gelo e sente a fragrância intensa do limão que ele corta com uma faca. Choca com ela, deixa cair coisas ao chão, mete-se à frente dela, mas ela gosta de o ter por perto, gosta da sua presença enorme e reconfortante. Absorve o cheiro do seu dia, gravita em torno do calor que emana do seu corpo. É um homem que, quando lhe toca, está sempre quente, o que tem um significado especial para alguém que está quase sempre fria.

Depois de pôr o aperitivo dela à sua frente na bancada, leva o seu e também a truta para a sala de estar, onde se senta com os pés levantados e abre o jornal que ela deixou impecavelmente dobrado para ele sobre a mesinha. Ela põe os feijões-verdes e as cenouras-bebé em recipientes separados e bebe o primeiro gole da sua bebida, desfrutando da sensação do *vodka* a chegar instantaneamente à sua corrente sanguínea e a percorrer-lhe os membros. Do sofá, ele vai fazendo comentários sobre as notícias do dia: os próximos Jogos Olímpicos, a subida das taxas de juro, a previsão de chuva. Depois de comer a maior parte da truta e beber o resto do aperitivo, levanta-se e abre uma garrafa de vinho, enquanto ela corta a carne em fatias grossas. Levam as travessas para a mesa, donde ambos conseguem ver o céu acetinado.

— Como é que correu o teu dia? — pergunta ele, atacando a comida com o garfo.

— Estive com a Bergman.

— A Bergman. E o que é que ela disse? — Está a comer a carne muito concentrado e fala sem levantar os olhos do prato.

— Lembrou-me de que foi há três anos que ela fez o anúncio do pudim. Acho que a intenção dela era fazer-me sentir culpada.

Ele conhece os clientes dela pelos nomes de código que ela lhes dá. Como entram e saem enquanto ele está no trabalho, nunca se cruzou com um único, mas ela mantém-no ao corrente e, em certo sentido, é íntimo de todos eles. Ela não vê nenhum problema nisso, desde que os seus nomes verdadeiros se mantenham em segredo. Bergman é o nome de código para a atriz desempregada, cujo último trabalho — o famoso anúncio ao pudim — já é uma memória longínqua.

— Quer dizer que então agora a culpa é tua — comenta ele.

— Ela acha que é o desespero dela que está afastar as pessoas e quer saber porque é que eu não a tenho ajudado com isso. C'os diabos. Há semanas que ando a trabalhar para ela.

— Não sei como é que tens paciência para isso.

— Se a visses, ias perceber. Ela tem uma energia extraordinária, é uma verdadeira lutadora. Nunca desiste, e as coisas hão de acabar por mudar para ela.

— Eu não teria paciência.

— Tinhas, se te preocupasses com eles. Sabes que os meus clientes são como se fossem meus filhos.

O rosto dele é atravessado por uma sombra, e ela percebe que a referência àqueles filhos substitutos o faz pensar nos filhos verdadeiros que não tem. Voltando a Bergman, ela diz:

— Mas estou preocupada com ela. É um daqueles casos em que não consegue acreditar em si própria se ninguém a contratar, mas ninguém vai contratá-la porque não consegue acreditar em si própria, e o problema é que não sei se estou realmente a ajudá-la. Às vezes, acho que devia despedir-me de psicoterapeuta dela.

— E porque é que não o fazes? — pergunta ele. — Se não estás a conseguir nada.

— Também não é propriamente *nada*. Pelo menos, ela já percebeu o que está a fazer a si própria.

— Adoro esta carne — diz ele. — Como é que conseguiste meter a carne dentro da massa?

Como se fosse um barco dentro de uma garrafa; mas sabe que ele não está a brincar. Para um homem que consegue erguer paredes e perfurar fundações, é surpreendente a falta de visão que tem em relação à culinária.

— Envolvi-a — responde ela. — Imagina que é como isolar um cano.

Mas ele está a olhar para um ponto perdido no espaço e não regista a resposta dela.

Sempre teve tendência para estes lapsos, mas parece-lhe que ultimamente são mais frequentes. Num minuto está aqui e no minuto seguinte já não está, arrastado por um rio de pensamentos, conjeturas, preocupações, quem sabe? Podia estar a contar para dentro de cem para trás ou a dizer mentalmente os nomes dos presidentes. Pelo menos, ela não pode ser responsabilizada pelo estado de espírito dele. Nos últimos tempos, ele tem andado visivelmente mais bem-disposto, mais como era antigamente, de tal forma que ela está a começar a pensar que a depressão dele já é coisa do passado. Houve uma altura, em que temeu que fosse permanente, tanto foi o tempo que durou. Nem sequer *Freud* conseguia fazê-lo melhorar. *Freud*, na altura um cachorrinho, com as suas palhaçadas e patéticas, era um verdadeiro bobo da corte.

Quando eram convidados para jantares, pelo menos ele conseguia fingir — ia bebendo, ligava o botão da bonomia e fazia as pessoas sentirem-se bem. As mulheres dão-se bem com Todd por ele ser tão sincero e generoso. *Rosalie, tens andado outra vez a beber da fonte da juventude. Deirdre, estás tão apetitosa que até apetece comer-te.* Quanto aos homens, deixa-os falar sobre si próprios sem tentar competir com eles, e faz as pessoas rirem-se com as suas imitações: do naturopata indiano (*Está demasiado tenso... tem de viver mais devagar, mais devagar*), do mecânico jamaicano (*Carro precisar três pneu novo... abrô capô, meu*).

Agora está definitivamente melhor, mais animado, pronto a soltar uma gargalhada, mesmo quando estão os dois sozinhos, mais descontraído, preocupando-a menos, está mais parecido com a pessoa que era dantes, nos primeiros anos — embora já esteja muito distante o tempo em que se deitavam nus a ler o jornal, ver o jogo e comer uma taça de *cornflakes*, com o pacote de leite equilibrado na coluna da cama e o açúcar a espalhar-se nos lençóis. Nessa altura, tinham a liberdade de mal se conhecerem, tinham a alegria de um futuro sem pressas, com todas as portas abertas e todas as promessas ainda por cumprir.

— Em que é que estás a pensar? — pergunta ela.

As pálpebras dele estremecem ligeiramente, e sorri para ela.

— Isto está delicioso — diz. Pega na garrafa que vai a meio e enche os copos de ambos. — O que é que achas do vinho?

Gosta de falar sobre vinho. Às vezes, aquilo que estão a beber pode ser o centro de uma conversa que dure todo o jantar. Mas, desta vez, não espera pela resposta dela; bate com a palma da mão num lado da cabeça e diz:

— Era para te dizer. Este fim de semana vai haver uma pescaria. Alguns deles vão.

— Uma pescaria — repete ela.

Já comeu as duas fatias de carne e está a apanhar o molho com um pedaço de pão.

— A partida é na sexta-feira e o regresso no domingo.

Todd não participa em pescarias nem nenhum dos seus amigos, pelo menos tanto quanto ela sabe. Percebe imediatamente — não há qualquer sombra de dúvida no seu espírito — que ele está a usar o termo “pescaria” como um eufemismo.

— Também vais? — pergunta-lhe.

— Ainda estou a pensar.

Jodi, que ainda não acabou de comer, está agora a tentar despachar-se. Sabe bem que a forma como ela come — metendo bocadinhos minúsculos na boca e mantendo-os lá cativos — é um teste à paciência dele. Engole um pequeníssimo pedaço de carne que só estava meio mastigada e lhe fica presa na garganta, fazendo-a engasgar-se. Num gesto galante, ele levanta-se e bate-lhe nas costas até ela cuspir a carne e respirar com dificuldade. A partícula de matéria que causou o problema acaba na mão dela. Sem olhar para ela, pousa-a na beira do prato.

— Depois diz-me o que decidires — diz Jodi, utilizando o guardanapo para limpar os cantos dos olhos. — Se fores, talvez mande limpar as carpetes. E faça umas comptotas.

Não está a planear fazer nenhuma dessas coisas; é só para dizer qualquer coisa. Sempre achou que uma das suas qualidades era não lhe mentir, ou seja, não embeleza com tantos pormenores as coisas que lhe conta da sua vida que possa transformá-las em mentiras.

O problema não tem nada a ver com o circunlóquio dele. O problema é que ele nunca passa os fins de semana fora; foi coisa que nunca fez.

— Sabes? Trouxe-te uma prenda.

Sai da sala e volta com uma embalagem — um retângulo liso, mais ou menos do tamanho de um livro de bolso, embrulhado em papel castanho, preso com fita adesiva. Pousa-a na mesa ao lado do prato dela e torna a sentar-se. Oferece-lhe presentes muitas vezes, e isso é uma coisa de que ela gosta nele, mas gosta menos quando a intenção dos presentes é comprá-la.

— É para celebrar o quê? — pergunta Jodi.

— Nada de especial.

Ele está a sorrir, mas o ambiente está elétrico. Podiam estar a voar objetos pela sala; podia haver cabeças espetadas em paus a correrem em círculos. Pega na embalagem e constata que não pesa praticamente nada. A fita adesiva sai com facilidade e, de dentro de um envelope protetor de cartão, tira um pequeno quadro lindíssimo, com uma pintura Rajput, um original. A cena, retratada em diferentes tons de azul e verde, representa uma mulher com um vestido comprido, de pé num jardim murado. Rodeada de pavões e uma gazela, adornada com joias de ouro muito trabalhadas, a sua expressão mostra claramente que não está afetada por quaisquer preocupações materiais ou mundanas. Sobre a sua cabeça há um arco feito de ramos com folhas que a protege, e a relva sob os seus pés é uma enorme tapete verde. Examinam a cena juntos, comentam as pinturas com hena das mãos da mulher, o seu pequeno cesto branco, a sua silhueta encantadora vista através do tecido fino do vestido. Enquanto observam os mais ínfimos pormenores e as séries de cores, a sua vida volta discretamente ao normal. Fez bem em comprá-lo para ela. Os seus instintos são bons.

Está quase na hora de irem para a cama quando ela levanta a mesa e começa a lavar a loiça. Ele oferece-se para a ajudar, por mera formalidade, pois ambos sabem que é melhor ele deixar a loiça por conta dela e ir passear o cão. Não que Jodi seja terrivelmente perfeccionista mas, quando se lava um tabuleiro onde se fez um assado, quando se acaba não pode estar gorduroso, nem se pode limpar a gordura com o pano da loiça que depois se vai usar para limpar os

copos. É uma questão de bom senso. Ele também não é descuidado com as suas construções. Se tivesse de pendurar uma prateleira, não a deixaria inclinada de forma a que os objetos postos sobre ela escorregassem para o chão e se partissem. Prestaria atenção e faria as coisas bem feitas, e quem estivesse a ver não o acusaria de ser perfeccionista ou exagerado. Não que ela tenha tendência para se queixar. É sabido que, em certos contextos, os pontos mais fortes das pessoas tornam-se os seus grandes defeitos. A impaciência dele em relação aos trabalhos domésticos advém do facto de a sua energia expansiva ultrapassar a escala das tarefas a cumprir. É possível constatar isso pela forma como ele ocupa a sala, agigantando-se como uma torre naquele espaço limitado, com uma voz sonora e gestos largos. É um homem que está bem em espaços exteriores ou em locais de construções, onde a sua magnitude faz sentido. Muitas vezes, em casa, parece sentir-se melhor do que nunca quando está a dormir ao lado dela, com o seu corpo enorme em repouso e a sua energia adormecida numa espécie de ausência reconfortante.

Ela anda pelas divisões acolhedoras, a fechar cortinados, a alisar almofadas, a endireitar quadros, a apanhar pequenas sujidades das carpetes e, em geral, a criar o ambiente no qual quer acordar na manhã seguinte. É importante para ela ter tudo serenamente no seu devido lugar, quando começa o dia. No quarto, abre a cama e pouisa sobre ela o pijama dele e a camisa de dormir dela, endireitando o tecido e dobrando-os para que se pareçam menos com corpos não habitados. Mesmo assim, há neles qualquer coisa que a incomoda — os debruns brancos do pijama escuro e os laços de seda da camisa de dormir. Sai do quarto e vai até à varanda. Há um vento agreste e, na noite sem luar, a vista é uma escuridão sem fim. Debruça-se para essa negritude agreste, desfrutando de uma sensação de isolamento e, ao mesmo tempo, do ato de poder controlá-la — permanecer ali até deixar de lhe saber bem e depois voltar para dentro. Sente-se grata pela estabilidade e segurança da sua vida, aprendeu a dar valor às liberdades do quotidiano, à ausência de necessidades e complicações. Renunciando a casar-se e a ter filhos manteve-se como uma ardósia em branco, conquistou uma sensação de espaço. Não há arrependimentos. Dá vazão aos seus instintos de cuidar dos

outros através dos seus clientes e, em termos práticos, é tão casada como qualquer outra pessoa. Claro que os amigos sabem que o seu nome é Jodi Brett mas, para a maioria das pessoas, é a Sra. Gilbert. Gosta do nome e do título; dão-lhe uma espécie de *pedigree* e funcionam como um atalho, eliminando a necessidade de corrigir as pessoas, de dar explicações ou de utilizar termos estranhos como *ter um companheiro* ou *viver em união de facto*.

De manhã, depois de ele sair para o trabalho, ela levanta-se, veste-se e vai passear o cão pelo passeio marítimo até ao cais da Marinha. O sol brilha com uma luz trémula por entre uma neblina leitosa, projetando uma rede prateada sobre o lago. A brisa que sopra na margem é agreste e vem impregnada pelos aromas marítimos de óleo dos motores, peixe e madeira apodrecida. Àquela hora do dia, o cais parece um gigante adormecido, com uma pulsação lenta e uma respiração suave. Só os habitantes locais — as pessoas que andam a passear cães e as que andam a fazer *jogging* — é que veem os barcos a balançarem, a água a bater, o ar abandonado do carrossel e da roda gigante, as gaivotas a mergulharem à procura do pequeno-almoço. Quando Jodi se volta para a cidade, os contornos da cidade aparecem como uma visão que irrompe ao longo da margem, profusamente iluminada pelo sol que se vai erguendo. Veio para Chicago como estudante há mais de vinte anos e sentiu-se imediatamente em casa. Vive ali não apenas física, mas também temperamentalmente. Depois das privações de uma cidade pequena, ficou entusiasmada com os edifícios enormes, a multidão que se acotovelava nas ruas, a extraordinária variedade e até as reviravoltas do tempo. Foi ali que atingiu a maturidade, que construiu a sua identidade, que começou a prosperar como adulta e profissional.

Começou a dar consultas na primavera em que acabou o curso. Nessa altura, vivia com Todd num apartamento minúsculo em Lincoln Park. Os seus primeiros clientes eram-lhe enviados pelos seus contactos na universidade, e ela atendia-os na sala de estar, enquanto Todd estava a trabalhar. Muito antes de acabar o curso já tinha decidido que a sua abordagem seria eclética — que iria

basear-se no que tivesse aprendido que fizesse mais sentido em cada situação concreta — e, por isso, ora escutava ativamente os pacientes, ora adotava as teorias Gestalt para a interpretação dos sonhos, pondo sempre abertamente em causa atitudes e comportamentos derrotistas. Aconselhava as pessoas a exigirem mais de si próprias e a tomarem em mãos o seu próprio bem-estar. Encorajava-as e dava-lhes *feedback* positivo. No primeiro ano aprendeu a ser paciente e a acompanhar o ritmo das pessoas. A sua maior qualidade era a sua simpatia genuína — gostava dos clientes e dava-lhes o benefício da dúvida, o que os punha à vontade. Eles diziam bem dela a outras pessoas, e o número de pacientes foi aumentando.

Durante quase um ano, as coisas foram correndo bem, ela foi descobrindo o seu ritmo, desenvolvendo capacidades, ganhando confiança. Até que um dia, um paciente seu — um jovem de quinze anos com diagnóstico de doença bipolar, um bom rapaz que tinha boas notas e *parecia* perfeitamente bem — chamava-se Sebastian — com cabelo escuro, olhos escuros, curioso, participativo, com um gosto por perguntas retóricas (Porque é que tem de existir alguma coisa em vez de não existir nada? Como é que podemos ter a certeza absoluta de uma coisa?) —, esse seu paciente, o jovem Sebastian, foi encontrado morto no passeio por baixo da varanda do seu apartamento no décimo andar, onde vivia com os pais. Quando ele faltou à sessão que estava marcada, ela telefonou para casa dele e foi a mãe que lhe deu a notícia. Quando soube, ele já tinha morrido há cinco dias.

— Não se culpe — tivera a mãe dele a amabilidade de dizer. Mas ele tinha-se atirado da varanda exatamente no dia da sua última sessão. Ela tinha estado com ele de manhã, e ele pusera termo à vida menos de doze horas depois. De que é que tinham falado? De um pequeno problema que ele estava a ter com os olhos. Tinha a sensação de ver coisas com a sua visão periférica, coisas fugazes que na realidade não estavam lá.

Foi nessa altura que ela resolveu não só voltar a estudar, inscrevendo-se na Adler School, como também passar a escolher os seus clientes.

Atravessa Gateway Park, troca umas palavras de circunstância com um vizinho e para no Caffé Rom para pedir um galão para levar. Enquanto come um ovo mal cozido e uma torrada com manteiga, lê o jornal. Depois do pequeno-almoço, lava a loiça e a seguir vai buscar a ficha do seu primeiro paciente, nome de código “o juiz”, um advogado *gay* com mulher e filhos. O juiz tem certas coisas em comum com os seus outros clientes. Bateu contra um muro na sua vida e acredita ou espera que a psicoterapia o ajude. Comprometeu-se consigo próprio a levá-la até ao fim. E não traz à baila nada que esteja para além das capacidades dela. Foi uma decisão que ela tomou através de um processo de análise. Encaminha para outros colegas pessoas com comportamentos autodestrutivos. Por exemplo, não aceita pessoas com dependências quer seja de drogas, álcool ou jogo e rejeita qualquer pessoa que tenha distúrbios alimentares, a quem tenha sido diagnosticada doença bipolar ou esquizofrenia, que sofra de depressão crónica ou que tenha ideário suicida ou tenha tentado suicidar-se. Estas pessoas devem ser tratadas com medicação ou em clínicas de reabilitação.

O seu horário só lhe permite atender dois pacientes por dia, antes do almoço. Depois do tal processo de análise, os seus clientes são pessoas com tendência para se sentirem presas, perdidas ou inseguras, o tipo de pessoas para quem é difícil saber o que querem e que tomam decisões com base no que os outros esperam delas ou no que acham que os outros esperam delas. Podem ser duros consigo próprios — por exemplo, se tiverem interiorizado os juízos de valor feitos por pais insensíveis — e, ao mesmo tempo, agir de forma irresponsável ou inadequada. Em termos gerais, não conseguem definir as suas prioridades nem criar as suas próprias fronteiras, negligenciam os seus interesses e veem-se como vítimas.

A divisão extra, que ela utiliza como consultório, tem um ar confortável. Tem uma secretária, um armário de arquivo e duas poltronas de frente uma para a outra sobre uma tapete *kilim* antiga com um metro e oitenta por dois metros e meio. Entre as poltronas está uma mesa baixa com o bloco e a caneta dela, uma caixa de lenços de papel, uma garrafa de água e dois copos. O juiz tem o seu habitual fato escuro, sapatos de atacadores pretos e meias

com losangos, que ele mostra quando se senta e cruza as pernas. Tem trinta e oito anos, e uns olhos e uns lábios sensuais num rosto comprido. Sentando-se à frente dele, pergunta-lhe como é que tem estado desde a última vez que se viram, há uma semana. Ele fala-lhe da sua ida a um bar *gay* e sadomasoquista e conta o que aconteceu no beco nas traseiras. Explica tudo em pormenor, talvez com a intenção de a chocar, mas não é a falar de sexo consensual entre adultos que vai consegui-lo e, além disso, não é a primeira vez que ele põe à prova a paciência dela com uma história do género. Fala depressa, a certa altura altera os factos, revive a cena, faz tudo para a impressionar.

— Tinha as calças caídas à volta dos tornozelos — imagine se alguém tivesse... —, ó meu Deus, o lixo cheirava tão mal. Concentrei-me nisso, no lixo, para acalmar as coisas — tinha de fazer qualquer *coisa*. Ele tinha estado a olhar fixamente para mim no bar. Já o tinha visto lá antes mas nunca pensei... Há que séculos que não ia àquele bar.

À medida que a história se vai esvaziando, ele tenta observá-la dissimuladamente, com os olhos a brilhar e os lábios lustrosos com a saliva. Gostava que ela se risse e dissesse “seu malandroco, isso não se faz”, mas a missão dela não inclui preencher os espaços vazios na conversa ou tentar salvar pessoas para a sociedade. Ele espera e, ao ver que ela não diz nada, começa a ficar nervoso e olha para as mãos.

— Portanto — diz finalmente —, estou arrependido. Estou mesmo. Muito arrependido. Não devia ter feito aquilo. — São estas palavras que não pode dizer à mulher e, por isso, di-las à sua psicoterapeuta.

O padrão dele é a negação seguida pela complacência e por um novo período de negação. A fase de negação é indiciada por frases como “Adoro a minha família e não quero fazê-los sofrer.” Os remorsos são genuínos, mas ele não consegue desistir das suas investidas *gay*, nem abdicar da segurança da sua vida familiar. Ambas têm um papel na satisfação das suas necessidades e ambas são importantes para o seu sentido de identidade. Finge para si próprio que o seu interesse por homens é uma fase passageira e não percebe

que a abstinência e a culpa são formas que ele tem de carregar as baterias para ter sensações fortes. Tal como acontece com muitas pessoas que enganam os outros, gosta de se armar em vítima. É mais *queen* do que julga.

— Julgue por si próprio — diz-lhe ela. Mas ele ainda está muito longe de se assumir.

Quarta-feira é o dia dos traidores. A paciente seguinte, Miss Piggy, é uma mulher ainda nova, recatada, com umas bochechas rechonchudas e mãos sardentas, que acha que ter um amante estimula o seu desejo e apimenta o seu casamento. Segundo Miss Piggy, o marido não desconfia de nada e, se desconfiasse, não teria o direito de se queixar. Jodi ainda não percebeu bem porque é que Miss Piggy faz psicoterapia ou o que espera conseguir com ela. É diferente do juiz porque lhe falta aquela consciência incômoda e pelo pragmatismo com que faz as coisas — às segundas e quintas à tarde entre ir ao supermercado e ir buscar os filhos à escola.

Miss Piggy parece não estar tanto em conflito como o juiz mas, do ponto de vista de Jodi, é um desafio maior. A sua ansiedade flui em correntes que estão abaixo da superfície e raramente vêm ao de cima ou criam uma perturbação. Não vai ser fácil chegar até essa ansiedade e trazê-la para o seu consciente. Enquanto que o juiz é um livro aberto, um homem sensível que se meteu numa situação difícil. Com ou sem a ajuda de Jodi, o problema do juiz há de chegar a um ponto crítico e acabar por desaparecer da sua vida.

Apesar de Miss Piggy estar convencida de que o marido não sabe de nada, Jodi acha provável que ele tenha algumas suspeitas. Há sempre sinais, como ela bem sabe. Por exemplo, o traidor está muitas vezes distraído ou preocupado; não gosta de perguntas; há cheiros inexplicáveis que ficam presos ao seu cabelo ou à sua roupa. Os cheiros podem ser os mais diversos: a incenso, bolor, relva, elixir para a boca. Quem é que bochecha com elixir ao fim do dia, antes de se deitar? Um duche pode eliminar odores corporais reveladores, mas o sabonete que o traidor usa na casa de banho do hotel não será da marca do que usa em casa. E, para além disto, há todas as pistas do costume: um cabelo ruivo ou loiro caído, marcas de *bâton*, telefonemas furtivos, ausências inexplicadas, marcas

misteriosas no corpo... já para não falar das coisas curiosas — um porta-chaves ou um frasco de *aftershave* — que aparecem do nada, especialmente no Dia de São Valentim.

Pelo menos, ele faz tudo o que pode para ser discreto e, por norma, não assedia os amigos dela, embora isso já tenha acontecido algumas vezes. Tinham um casal amigo, umas pessoas que conheceram numas férias nas Caraíbas e com quem começaram a dar-se por entre *margaritas* e lições de mergulho. O casal tinha uma empresa que vendia casas pré-fabricadas, uma atividade pela qual Todd sentia um desprezo total. No entanto, durante vários invernos fizeram questão de se encontrarem com esse casal em certos *resorts*. Jodi suspeitava de que havia qualquer coisa entre Todd e Sheila, mas tirou isso da cabeça até que uma tarde eles desapareceram da piscina, reaparecendo algum tempo depois como dois gatos que tivessem lambido um enorme boião de creme. Até podia tentar ignorar isto, mas houve também o facto de os calções de banho de Todd estarem ligeiramente torcidos e os salpicos de uma coisa gelatinosa que lhe brilhava nos pelos do peito.

No entanto, nada disso importa. Não é importante que de vez em quando ele se denuncie, porque ambos sabem que ele a trai, e ele sabe que ela sabe, mas a questão está na fachada, a fachada é que é importante e tem de ser mantida, a ilusão de que está tudo bem e não há problema nenhum. Desde que os factos não sejam abertamente assumidos, desde que ele lhe fale através de eufemismos e circunlóquios, desde que as coisas funcionem pacificamente e prevaleça uma calma superficial, podem continuar a viver as suas vidas, cientes de que uma vida bem vivida implica uma série de compromissos baseados na aceitação das pessoas que nos rodeiam com as suas necessidades e idiossincrasias individuais, que nem sempre podem ser adaptadas aos gostos de uma pessoa ou reprimidas para que satisfaçam regras sociais conservadoras. As pessoas vivem a sua vida, exprimem-se e procuram a realização à sua maneira e a seu tempo. Cometem erros, fazem maus juízos de valor, são inoportunas, tomam decisões erradas, desenvolvem hábitos prejudiciais e falham algumas tangentes. Se houve algo que ela aprendeu na escola foi isto, graças a Albert Ellis, pai da alteração

do paradigma cognitivo-comportamental na psicoterapia. A função das outras pessoas não é satisfazer as nossas necessidades ou ir ao encontro das nossas expectativas, nem sequer tratar-nos sempre bem. A incapacidade de aceitar esta realidade irá gerar sentimentos de raiva e ressentimento. A paz de espírito consegue-se aceitando as pessoas tal como elas são e dando importância às coisas positivas.

Os traidores têm êxito; pelo menos, muitos deles. Mas, mesmo que não tenham, não vão mudar porque, por norma, as pessoas não mudam — pelo menos, sem uma motivação forte e um esforço constante. Os traços básicos da personalidade desenvolvem-se numa fase precoce da vida e, ao longo do tempo, vão-se tornando invioláveis, intrínsecos. A maioria das pessoas aprende pouco com a experiência, raramente pensa em adaptar o seu comportamento, considera que os problemas são causados pelas pessoas à sua volta e continua a fazer o que faz, apesar de tudo, para o melhor e para o pior. Um traidor continua a ser um traidor da mesma forma que um otimista continua a ser um otimista. Um otimista é uma pessoa que, depois de ser atropelada por um condutor embriagado e ficar sem as duas pernas e ter de hipotecar a casa para pagar a conta do hospital, diz: “Tive sorte. Podia ter morrido.” Para um otimista, uma frase deste tipo faz sentido. Para um traidor, faz sentido viver uma vida dupla e falar pelos dois lados da boca ao mesmo tempo.

Quando afirma que as pessoas não mudam, o que ela quer dizer é que não mudam para melhor. Ao passo que mudar para pior é coisa de que nem vale a pena falar. A vida deixa marcas na pessoa que pensávamos que éramos. Ela costumava ser simpática, sempre e em toda a parte, mas já não pode dizer isso de si. Houve um dia em que atirou o telemóvel dele para o lago, com uma mensagem escrita por uma mulher que se dirigia a ele como “Gato”. Outra vez em que pôs as *boxers* dele na máquina de lavar com uma carga de roupa de cor. As muitas vezes em que arranja maneira de ele não saber onde pôs as coisas. Não se orgulha destes pequenos delitos. Gostava de pensar que está acima deste tipo de comportamentos, que o aceita tal como ele é, que não é uma daquelas mulheres que sentem que os maridos lhes devem alguma coisa depois de elas se

casarem sabendo como eles eram, mas considera as suas transgressões mínimas quando comparadas com as liberdades a que ele se dá.

Depois de acompanhar Miss Piggy à porta, dirige-se para o ginásio num andar inferior do prédio, onde faz pesos e dez quilómetros de bicicleta. A seguir a um almoço de legumes frios que tinham sobrado do jantar com maionese, toma um duche e veste-se para ir dar umas voltas. Antes de sair, escreve um recado a Klara, que faz a limpeza à casa à quarta-feira à tarde. A rotina diária é o grande bálsamo que a mantém animada e lhe proporciona uma vida tranquila, afastando o medo existencial que pode apanhar uma pessoa desprevenida, fazendo-a ter consciência do enorme vazio sobre o qual vai vivendo. Manter-se ocupada é a estratégia da classe média — e é uma estratégia prática e boa. Gosta do trabalho de marcar as consultas, de ter a casa em ordem e de se manter em boa forma e bem-arranjada. Gosta das coisas metódicas e previsíveis e sente-se segura quando o seu tempo está antecipadamente organizado. Dá-lhe prazer folhear a agenda e ver o que a espera: idas ao spa, ao cabeleireiro, ao médico, sessões de Pilates. Participa praticamente em todos os eventos organizados pela sua associação profissional e inscreve-se em cursos de tudo o que lhe interessa. À noite, quando não tem de fazer a comida para Todd, vai jantar com amigos. E, depois, há ainda os dois períodos de férias prolongadas — um no verão e um no inverno — que ela e Todd fazem sempre juntos.

Ao volante do seu *Audi Coupé*, abre as janelas e absorve o barulho e a agitação da cidade, tirando prazer do ruído e tumulto das coisas que vão acontecendo em toda a parte: vendedores ambulantes, músicos a tocar na rua, mercados ao ar livre — e até da multidão, das sirenes e dos engarrafamentos. Uma adolescente, a segurar um monte de balões, atravessa a rua a dançar. Um homem com um avental branco está sentado na posição de lótus nos degraus de um restaurante. Para na casa de molduras para deixar a pintura Rajput, escolhe um livro de viagens, compra uma balança de cozinha para substituir a que se partiu e, no caminho de regresso a casa, senta-se no Starbucks local a tomar um *frappuccino*, ficando ainda com tempo suficiente para ir passear o cão e grelhar uma costeleta para o jantar antes de ir à aula de arranjos florais.

CAPÍTULO DOIS

ELE

Ele gosta de começar o dia cedo e, ao longo dos anos, tem vindo a reduzir a sua rotina matinal ao básico. Toma um duche frio, para não ter a tentação de se demorar, e faz a barba com espuma e uma gilete. Veste-se na penumbra do quarto, enquanto Jodi e o cão continuam a dormir. Às vezes, Jodi abre um olho e diz “As tuas camisas já vieram da lavandaria” ou “Essas calças estão a ficar largas”, ao que ele responde “Vá, dorme”. Toma uma cápsula multivitamínica com um copo de sumo de laranja, esfrega os dentes na horizontal, ou seja, da forma errada mas rápida, e trinta minutos depois de se levantar está no elevador a descer para a garagem.

Muito antes das sete, já está sentado à secretária no quarto andar de um prédio de quatro andares na South Michigan, a sul da Roosevelt. O edifício — uma estrutura de tijolo e pedra calcária com um telhado plano e janelas de alumínio isoladas, que eram o expoente máximo quando as instalou — foi a sua primeira obra de renovação em larga escala, após uma década a arranjar casas velhas para depois as vender e antes de o surto de construção de edifícios em South Loop ter feito subir vertiginosamente o preço dos imóveis. Quando comprou o prédio, era um espaço morto. Financiou a sua reconversão num edifício de escritórios com três hipotecas e uma linha de crédito, sempre a trabalhar lado a lado com os operários que contratou. Podia ter pago tudo do seu bolso mas, se o dinheiro se acabasse, os bancos negar-lhe-iam

qualquer empréstimo. Neste ramo, coisas como pagamentos de hipotecas, impostos e seguros tornam literalmente verdadeiro o ditado “tempo é dinheiro”. A *suite* com que ficou para si próprio é modesta, com dois gabinetes, uma pequena recepção e uma casa de banho. O seu gabinete é o maior dos dois, o que dá para a rua. A decoração é moderna e minimalista, com superfícies despidas e lâminas de proteção solar — sem estar atravancado de antiguidades e quinquilharias, como teria acontecido se tivesse deixado Jodi decorá-lo.

Faz o primeiro telefonema do dia para o café que lhe leva o pequeno-almoço e pede, como de costume, duas sandes mistas e dois cafés duplos. Enquanto espera, tira uma velha lata de tabaco da gaveta da secretária, abre a tampa e despeja o conteúdo sobre a secretária: mortalhas *Bugler*, caixa de fósforos e um pequeno saco de plástico com ervas e folhas secas. Durante o tempo em que esteve com depressão, descobriu que fumar um pequeno charro logo de manhã o tirava da apatia e ajudava-o a concentrar-se no trabalho. Agora está habituado àquele cerimonial de enrolar o charro e acendê-lo, e gosta daquela forma suave de começar o dia. Vai fumar para a janela, soprando o fumo para o ar livre. Não que seja segredo que ele gosta de fumar um ou dois charros; simplesmente acha que a TJG Holdings não deve ter o cheiro de uma associação de estudantes.

Dantes tinha uma vista clara do céu daquela janela, mas agora só vê um pequeno pedaço irregular de azul a pairar por entre os prédios do outro lado da rua. É melhor do que nada e não lhe estraga a boa disposição. Além disso, está concentrado nas pessoas que estão na paragem do autocarro. Algumas estão de pé no abrigo, apesar de o tempo estar bom e o abrigo estar cheio de lixo. Fica satisfeito quando consegue reconhecer alguns dos passageiros habituais: a rapariga com os auscultadores e a mochila, o velho escanzelado com um boné de basebol, a grávida com um sari e um blusão de ganga. Quase todos estão a prestar atenção ao trânsito que vem na sua direção, na esperança de vislumbrar o autocarro a aproximar-se. Como de costume, uma ou duas pessoas saíram do passeio e estão na rua para verem melhor. Quando finalmente avistam o autocarro,

nota-se claramente que a tensão desaparece, como se eles todos partilhassem um só corpo e um só espírito. Na tentativa de comprar os bilhetes, aquele conjunto disperso comprime-se numa coluna agitada. Obviamente, ele viu o autocarro quando ainda estava a vários quarteirões de distância. Às vezes, sente-se como se fosse Deus ali na sua janela do quarto andar.

O empregado do café pousa-lhe o pequeno-almoço na secretária e pega no dinheiro que Todd deixou para ele por baixo de um pisa-papéis. Fazendo-lhe um pequeno aceno com a cabeça, Todd continua a falar ao telefone com Cliff York. Está a tomar algumas notas, mas não vai precisar de as consultar. Tem facilidade em fixar nomes, datas, montantes, horas, lugares e até números de telefone. O projeto de que estão a falar, um prédio de seis apartamentos em Jefferson Park, está em vias de conclusão. Os obstáculos iniciais — projetos, licenças, financiamento — foram ultrapassados, e as casas já estão quase prontas. Ele e Cliff, o seu empreiteiro, estão a falar sobre a pressão da água. Combinam uma hora para se encontrarem mais tarde, irem dar uma vista de olhos e ouvir a opinião do canalizador.

Quando ataca o pequeno-almoço, constata que o pão está mal cozido, mas o *bacon* está estaladiço. Depois de comer as duas sandes e beber um dos cafés, recebe outra chamada, desta vez do seu agente imobiliário, que lhe arranjou um potencial comprador. É uma boa notícia. O prédio de apartamentos é um projeto intermédio. Se for preciso, fica ele com o prédio e aluga os apartamentos, mas a ideia é vendê-lo e utilizar o capital no seu próximo empreendimento, um edifício de escritórios em grande escala, que irá ultrapassar tudo o que fez até à data.

Stephanie chega às nove e vinte. Demora algum tempo a preparar as coisas e só às nove e meia é que entra no gabinete dele com o seu bloco e alguns dossiês e puxa uma cadeira para junto da secretária dele. Stephanie é muito feminina, tem trinta e cinco anos, mas parece mais nova, com uma cabeleira farta, que ela prende num rabo-de-cavalo. Todd está sempre interessado em ver onde e como Stephanie vai sentar-se, ou diretamente à frente dele, o que apenas permite que ele a veja da cintura para cima, ou à sua direita — e, nesse caso, tem tendência para cruzar as pernas e apoiar o braço

no tampo da secretária para ir tomando notas. O tampo oval sobre uma base retangular dá muito espaço para as pernas em toda a volta e, por isso, quando ela decide mostrar as pernas, seja lá por que razão for, ele acha que vai ter um dia de sorte. Quando vai de calças de ganga, ele consegue ver-lhe o espaço entre as pernas e as coxas; quando vai de saia, admira-lhe os joelhos e as barrigas das pernas. Ela não tenta seduzi-lo; aliás, parece nem reparar ou nem sequer se importar com o facto de ele estar sempre a vê-la cruzar e descruzar as pernas. Hoje, está de calças de ganga e senta-se do outro lado da secretária, o que o obriga a contentar-se com os dois altos que quase rebentam os botões do meio da blusa. Não tem muito mais de um metro e meio de altura, e é por isso que o tamanho do seu peito é tão impressionante.

Trouxe um monte de dossiês e uma lista de assuntos para despachar com ele: preços de ventoinhas de teto, endereços de *e-mail* dos arquitetos paisagistas, faturas que levantam dúvidas. Ele quer saber de tudo o que vá além das simples questões de rotina. Não chegou onde chegou, ignorando pormenores ou abdicando do controlo dos seus negócios. A empresa é só sua, e as margens de lucro não são extraordinárias, e é por isso que tudo conta. Olha de relance para o relógio, só para ela perceber que ele reparou que ela chegou atrasada.

— Nenhuma do Cliff? — pergunta Todd, quando chegam às faturas.

— Ainda não.

— Quando chegar, mostra-ma. Da última vez, ele incluiu custos de materiais que foram fornecidos por nós. O que foi?

— Azulejos para as casas de banho.

— Isso mesmo. Azulejos. E argamassa. Até a porcaria da argamassa ele me cobrou.

Stephanie já fez a pesquisa que ele lhe pediu sobre autoclismos e dá-lhe as brochuras.

— Os modelos de fluxo baixo são mais baratos do que os de fluxo duplo, mas não são de confiança.

— Qual é o problema?

— Nem sempre despejam.

- Mas têm de despejar.
- Nem sempre despejam o suficiente.
- O Cliff já instalou autoclismos desses antes.
- Pode arriscar — diz Stephanie. — Mas não em apartamentos para alugar. Devia dar uma vista de olhos pelos de fluxo duplo. Ele franze a testa e pergunta:
- Quanto é que custam?
- Podia ser pior. Consegue comprar material de confiança por quinhentos dólares.
- Isso faz três mil dólares pelo raio dos autoclismos. Podemos ir ao Home Depot e comprar autoclismos por cinquenta dólares.
- Pois pode, mas não vai.
- E que mais? — pergunta Todd.
- Tem de pensar nos frigoríficos e nos fornos. Podem levar algum tempo a chegar.
- Arranja-me preços. Se vier tudo do mesmo fornecedor, devemos conseguir um desconto.
- Como é que eu sei as dimensões?
- Vê nas plantas.
- Não as tenho. O senhor levou-as para casa.
- Pede-as à Carol do Vanderburgh. Os apartamentos não são todos do mesmo tamanho.

Depois de ela pegar nos seus papéis e permitir-lhe uma visão do seu rabo ao retirar-se, ele fica algum tempo como que a pairar, tentando ouvir os barulhos que vêm do gabinete dela enquanto trabalha. Está a pensar em tudo ao mesmo tempo, abarcando todo o seu mundo com um só gesto, como se fosse um campo de baseball, e ele estivesse a fazer um *home-run*, passando a voar pelas bases, mas sempre de olho na bola. Chegou a uma altura da vida em que gosta de saborear a apreensão constante, o risco que corre com cada decisão, por mais pequena que seja, a tensão de ter tanto dinheiro investido, a pressão de ter apostado tudo naquele negócio. De certa forma, a ansiedade que sente estabiliza-o, fá-lo sentir que está vivo e em cima do acontecimento. É uma ansiedade coartada pela expectativa, pelo interesse no que virá a seguir, pela aposta nas coisas que irão acontecer. É isto que o motiva ao longo do dia.

Durante a depressão, perdeu esse ímpeto para a frente. Aliás, essa perda era o seu verdadeiro problema. Era um tempo sem nuances ou modulação, sempre igual, minuto a minuto, dia a dia. Não sentia de forma alguma a derrota ou a futilidade que as pessoas pensavam que ele sentia. Simplesmente, não estava ali, era uma ausência, um espaço vazio.

Vê as horas e faz um telefonema. A voz ensonada que diz “Está lá?” provoca-lhe um sobressalto gratificante, desperta-lhe os testículos.

— Não acredito que ainda estejas na cama.

— Hã-hã.

— Não tens uma aula?

— Só mais logo.

— Sua malvada.

— Espero bem que sim.

— O que é que tens vestido?

— O que é que achas?

— Nua.

— Porque é que queres saber?

— Porque é que achas que eu quero saber?

— É oficial?

— É *off the record*.

— Preciso disso por escrito.

Continuam a conversa neste tom durante muito tempo. Imagina-a deitada nos lençóis amachucados no pequeno quarto em North Claremont, onde ela partilha um apartamento com umas colegas. Foi lá uma vez, nos primeiros tempos, quando ainda havia partes do corpo dela onde ele não tinha tocado. Depois, na cozinha, as colegas juntaram-se à volta dele e fizeram-lhe uma data de perguntas indiscretas — principalmente sobre a sua idade e a sua mulher. Depois disso, passaram a encontrar-se no Crowne Plaza na Madison, onde o pessoal é sempre distante e educado.

Enquanto fala com ela, é acometido por sentimentos que ainda lhe parecem vagamente estranhos e que o fazem questionar-se se será outra pessoa, não o Todd Gilbert, mas um homem que passou a habitar o corpo de Todd Gilbert durante os meses em que esteve ausente. No curto espaço de tempo desde que a conheceu,

ela devolveu-lhe a vida. É essa a dívida que ele tem para com ela, a dádiva da vida, materializada nos sentimentos que tornam um homem humano — não apenas o amor, mas também a ambição, a luxúria, o desejo... toda a panóplia. Até a sua impaciência é uma dádiva, a impaciência para estar com ela que o persegue durante todo o dia. Até o ciúme é uma dádiva. Todd está consciente do direito dela de ter um amante mais novo e receia que seja apenas uma questão de tempo até ela perceber isso. Por muito doloroso que seja, pelo menos ele está no mundo dos vivos.

O ciúme é algo de novo nele; está habituado a confiar nas mulheres. Jodi diz que a confiança vem do facto de ele ser filho único de uma mãe que tinha demasiado amor por ele, uma mãe enfermeira que preferia trabalhar a tempo parcial apesar da falta de dinheiro para poder estar mais tempo em casa a cuidar do filho — a sua forma de o compensar pelos defeitos do pai, um funcionário público alcoólico. Quando Todd ainda andava no liceu, assumiu o papel de sustento da mãe, aprendendo a ganhar dinheiro e a assumir responsabilidades, o que lhe valeu muitos elogios, não só da mãe, mas também dos amigos da mãe, dos professores e das raparigas que conhecia. As mulheres gostam dele. Gostam dele porque ele sabe cuidar delas. Cuida de Natasha, mas há um senão com Natasha. Ela fá-lo ter consciência de que o seu corpo está a envelhecer e a sua vitalidade a esmorecer. Não por nada que ela diga ou faça; apenas por ser jovem, desejável e insaciável.

Ainda está ao telefone quando Stephanie entra com um molho de cheques para ele assinar. Estava a andar de um lado para o outro, mas para junto à janela. Ela pousa os cheques na secretária e fica à espera. Todd sabe que Stephanie está ao corrente do que se passa entre ele e Natasha, que uma vez apareceu lá no escritório como se fosse capaz de o comer vivo. Exatamente as palavras usadas por Stephanie. Qual é a secretária que fala assim para o chefe? E, ultimamente, Stephanie começou a fazer questão de entrar no gabinete quando eles estão ao telefone, não deixando a Todd outra opção senão terminar abruptamente a conversa, como acontece naquele momento. Tem uma caneta na mão e empurra-a para a mão dele como se estivessem a praticar esgrima.

Antes de sair do escritório, liga para Jodi a dizer que não vai jantar. É um telefonema de cortesia; ela sabe que ele vai jantar com Dean. Mas Todd gosta que ela saiba que ele está a pensar nela. É um homem com sorte e não se esquece disso. Ela ainda continua a ser uma brasa, com a sua figura elegante e os seus cabelos escuros. Apesar de ser muito caseira, compreende que ele não pode passar as noites sentado em casa. Alguns dos amigos dele têm de ir jantar a casa todas as noites. Outros nem sequer podem ir beber uma cerveja depois do trabalho. Felizmente, ele tem muitos amigos — incluindo praticamente todas as pessoas com quem alguma vez trabalhou — e muitos deles são solteiros ou divorciados, pelo que não lhe é difícil arranjar quase todos os dias um amigo com quem possa ir beber um copo. Mas, se for preciso, também não se importa de sair sozinho.

Ele e Dean Kovacs são amigos desde o liceu. Dean é o seu amigo mais antigo e o único que conheceu o seu pai. Quando ele se refere ao pai como “o estupor do velho”, Dean sabe exatamente do que ele está a falar. Dean é como se fosse da família, praticamente um irmão. Mas também é o pai de Natasha, e isso pode ser um problema. Ou talvez não. É difícil prever como Dean irá reagir quando descobrir. De certeza que vai ficar abalado mas, se tiver oportunidade de se habituar à ideia, quem sabe? Talvez até se riam à custa disso — pode tratar Dean por “Paizinho” ou “Papá”, e Dean pode mandá-lo à merda. Há dez probabilidades para uma de correr tudo bem. Pelo menos, não é ele que tem de contar a Dean. Isso é com Natasha. Ela irá contar ao pai quando achar que é a altura certa. Foi o que combinaram.

O dia está quente, e na rua o calor e a fuligem emergem dos passeios como um perfume. Até o cimento daquela cidade ele adora, adora o seu ambiente puramente físico, a tonelagem das suas estruturas enormes e, acima de tudo, adora o seu poder e a sua força, o seu comércio respeitável, a proliferação de letreiros “Para Venda” e as oportunidades que surgem a cada passo. Ao percorrer os três quarteirões para sul até ao parque de estacionamento privado onde deixa o carro, sente a sorte extraordinária que teve por ter ido parar ali — àquele lugar e naquele tempo.